

ALFABETIZAÇÃO, VALORES e CULTURA - numa perspectiva emancipatória¹

Regina Leite Garcia²

A conjuntura internacional e seus reflexos na América Latina

O final do século se caracteriza por mudanças tão radicais que alguns chegam a afirmar o fim da História. Mas o movimento da História continua inexorável, desafiando os anunciadores do futuro, sejam Cassandras ou Polianas. A globalização da economia e da política, sob a hegemonia do Grupo G7, que provocou o surgimento dos grandes blocos - Mercado Comum Europeu, Nafta, Bloco Asiático e Mercosul - respondem os movimentos nacionalistas, algumas vezes xenófobos, fundamentalistas, chegando a se tornar fratricidas, como na Irlanda do Norte ou nos Países Baixos. Etnias aparentemente adormecidas, acordam e se fazem ouvir, assustando a todos dentro e fora dos espaços nacionais, como na Bósnia. Nações se fecham para os vizinhos, grupos internos às nações lutam por se emancipar de um poder nacional central, o ódio separa antigos vizinhos, amigos e até parentes. Movimentos separatistas nascem ou renascem desafiando a pressão globalizadora e pondo em questão a legitimidade do poder central. Os países ricos se fecham à invasão dos "bárbaros" vindos do Terceiro Mundo em busca do Edem prometido. Assustados constatarem que "o Terceiro Mundo está aqui dentro", não mais lá fora, longe dos olhos e do coração daqueles que, em última instância, produziram e se locupletam da existência do Terceiro Mundo. A própria idéia de Nação, tal como a modernidade concebeu, é questionada na medida em que os Estados Nacionais perdem o poder com o poder crescente dos grupos transnacionais.

As empresas transnacionais, deixando de ser simples exportadoras de mercadorias e serviços, instalam pela primeira vez na história, uma infraestrutura de produção e distribuição cujo montante supera em muito (dez vezes maior) o Produto Interno Bruto latino-americano. Oitenta e sete por cento das mais importantes transnacionais estão ligadas ao Grupo G7 - 151 são norte-americanas, 149 são japonesas, 44 são alemãs, 40 são francesas, 33 são britânicas, 11 são italianas e 5 são canadenses. Na verdade a riqueza mundial é repartida entre os mais poderosos, que vivem uma guerra econômica global, da qual continentes como a América Latina e a África parecem estar excluídos. Chegamos ao paroxismo do capital circular diariamente pelo mundo, para além do controle dos Estados, gerando apenas lucro especulativo, sem qualquer benefício para as sociedades.

Transnacionais são também os cartéis das drogas. Por mais esforços que façam os governos nacionais e por mais pressão que faça o governo norte-americano, os barões da droga continuam a corromper governos, exércitos nacionais, a sociedade global. E a juventude européia e norte-americana, assustada e desesperançada com a falta de perspectiva que se coloca hoje para os jovens, se refugia nas drogas - os abastados na cocaína e maconha, os mais pobres no crack e na cola. Enquanto para uns a droga é fuga de uma vida sem sentido (os usuários) para outros é muitas vezes a única fonte de

¹ - Trabalho apresentado na Cumbre Internacional de Educacional no painel Educacion Valores y Cultura em 12 de fevereiro de 1997 na cidade de México

² - Professora Doutora - Titular da Universidade Federal Fluminense - Brasil

sobrevivência(os plantadores). Mas quem de fato lucra com o comércio das drogas são os grandes cartéis internacionais, mais poderosos que governos, projetando nas sociedades imagens contraditórias - para uns de bandidos e para outros de benfeitores. Embora para a maioria sejam considerados bandidos, para algumas comunidades pobres são os benfeitores e protetores, para a polícia corrompida se constituem fonte de renda, chegando a ser, para alguns remanescentes de guerrilha, os subvencionadores.

E transnacional é também a crescente rede de tráfico sexual que rouba ou seduz os/as jovens e crianças do Terceiro Mundo para satisfazer o apetite decadente de europeus corrompidos e corruptores morais.

Este parece ser o estágio mais perverso do capitalismo em sua busca voraz por lucro, concentrando nas mãos de poucos o que fora prometido seria dividido entre muitos. O bolo nunca cresceu o suficiente para saciar o apetite dos que detêm o poder e, então, ser dividido. O Estado de Bem Estar Social, conquista da classe trabalhadora européia, vai sendo desmantelado nos países que um dia o conquistaram. O Terceiro Mundo, que jamais o conheceu, limitando-se a sonhar em algum dia alcançá-lo, hoje se vê despojado até do direito de sonhar. Milhões vão sendo excluídos do mínimo que a decência exigiria. E novas categorias surgem com os novos excluídos - os sem habitação, os sem terra, os sem trabalho, pois o desemprego é crescente e por mais criativas que possam parecer as soluções, nada nos permite acreditar na possibilidade de superação de um problema que assusta a todos. Os que ainda conseguem manter os seus empregos, começam a ver os seus salários minguarem, pois os altos salários se concentram no resultado de produtos da chamada Terceira Revolução Industrial: a tecnologia espacial, a informática, a biotecnologia, as novas fontes de energia e os novos materiais, aos quais poucos têm acesso e que exigem uma altíssima qualificação.

Altos níveis de vida são, atualmente, privilégio dos que controlam as tecnologias de ponta. Mais do que nunca o já conhecido brain drain faz com que os países mais ricos atraiam os talentos dos demais países, tornando-se mais ricos e poderosos, e fazendo dos pobres, mais e mais pobres e dependentes. Ainda uma vez a sabedoria popular compreende e ironiza o que acontece e anuncia o que virá a acontecer - os rios continuam a correr para o mar.

Como já se anunciava nos séculos XVIII e XIX, a expansão da sociedade burguesa é característica inevitável de seu modo de produção - num primeiro momento foi denominada colonialismo, no século XX imperialismo, e hoje, globalização. Na verdade, o processo de expansão do capitalismo pode mudar de nome embora mantenha a sua característica central de dominação e exploração, concentrando nas mãos de poucos o que é produzido por todos e excluindo os "outros" (a classe trabalhadora) do benefício da riqueza que, afinal, é resultado de seu trabalho. A única novidade é que hoje, com o advento de novas e sofisticadas tecnologias que economizam mão de obra, a classe trabalhadora vai se tornando dispensável e se vê expropriada até do direito ao trabalho. O presidente do Brasil chegou a criar um neologismo para explicar o desemprego crescente - hoje haveria uma nova categoria - a dos inempregáveis. De expropriada pelo trabalho, a classe trabalhadora vai se tornando expropriada do trabalho.

Globalização - Cultura - Educação

É importante ressaltar que não se trata apenas de uma globalização econômica e política, mas que a hegemonia e a dominação acontecem também no campo cultural. A informação que circula no mundo também é hegemonizada pelos interesses transnacionais. A televisão, a propaganda, a indústria editorial, o cinema, a moda, a pintura, a música cada vez mais se apresentam como uma reprodução do que é produzido nos países centrais, a chamada Metrópole dos tempos coloniais, seja no conteúdo seja na forma. Hoje, em qualquer lugarejo da América Latina, os jovens se vestem como qualquer jovem novaiorquino, ouvem as mesmas músicas que qualquer jovem inglês, vêem os mesmos filmes que qualquer jovem alemão, assistem aos mesmos noticiários que qualquer jovem de qualquer lugar do mundo, e incorporam a sua linguagem cotidiana palavras que muitas vezes não compreendem sequer o sentido. Vão sendo "alfabetizados" para se tornarem "modernos".

A vida comunitária vai se transformando no estilo de vida narcísico pós-moderno, em que homens e mulheres vão perdendo a sua identidade nacional, local e familiar, sem chegar a adquirir a desejada identidade cosmopolita; rejeitando a identidade que vão sendo ensinados a desprezar, por anacrônica, condenam-se, ou melhor, são condenados aos frágeis elos de pertencimento a uma civilização cibernética global, incorporando um estilo de vida e padrões de consumo das minorias burguesas internacionais das quais só se aproximam em suas fantasias e em sua negação de si mesmos.

Afastam-se mais e mais das sábias palavras de José Martí, de que

"A su pueblo ha de ser fiel, porque de su pueblo recibe las condiciones con que brilla. Y el que de su pueblo reniegue, de las propias alas, de su cerebro y entrañas de su entendimiento sea, como un ladrón, privado."

O terrível sentimento de negação de si mesmo, de sua cultura, de seus valores, de sua nacionalidade são indispensáveis para o processo de globalização. No entanto, a afirmação de sua própria cultura, de seus próprios valores, de sua nacionalidade, a fidelidade a seu povo, conforme Martí, seriam indispensáveis para a construção de um projeto emancipatório.

A mimetização do dominador vai homogeneizando o mundo. As pessoas saem das ruas onde conviviam com a comunidade e se refugiam nos shopping centers, cones de consumo, onde se não podem comprar, se satisfazem em consumir com os olhos.

O convívio familiar vai sendo substituído pela televisão, que traz o mundo para dentro de cada casa, embora impeça que este mundo seja pensado, compreendido, criticado. O mesmo noticiário que apresenta o massacre de populações no Terceiro Mundo, anuncia a passagem de um cometa, comenta a última roubalheira dos políticos, mostra as bundas das mulatas no carnaval do Rio de Janeiro. O apresentador não muda sequer a sua expressão facial ou a entonação de sua voz quando veicula a notícia da miséria ou da luxúria, dos massacres das classes populares ou dos que lutam pela liberdade, dos grandes "acontecimentos" do mundo da moda ou do descaso do chamado Mundo Civilizado com a miséria de populações na África ou na América Latina, do nascimento de um boto no Zoológico de Londres ou do buraco de ozônio que ameaça a

sobrevivência do planeta Terra, da implosão de um prédio numa grande metrópole para ser substituído por outra construção mais moderna ou do problema do desemprego no mundo.

As notícias são rápidas, superficiais, fragmentadas, alternando coisas sérias com frivolidades, naturalizando o que deveria provocar a reflexão e a revolta. É preciso produzir o que Noam Chomsky denomina the making of consent. Para isto é necessário distrair o povo, e não, educá-lo.

Houve tempo em que ao povo era dado pão e circo. Hoje basta oferecer a televisão e deixá-lo devanear, alienando-se de sua própria existência miserável, tornando-se impotente para reagir ao processo de dominação e exploração do qual é vítima.

As pesquisas nos mostram que nas zonas mais pobres da América Latina há um número muito maior de aparelhos de televisão do que de telefones. Nada surpreendente, pois é mais interessante para o establishment que o povo se informe(a informação que convém aos que detêm o poder) do que se comunique(o que poderia ajudá-lo a se organizar e se potencializar para a luta emancipatória).

O processo de globalização se dá portanto, não apenas através do domínio econômico e político, mas fortemente, pela penetração cultural, onde se situa o papel da escola, enquanto elemento de consolidação da hegemonia.

Face a esta situação, a pergunta que se coloca é - para que escola, se as populações estão sendo "educadas" pela televisão?

E uma segunda, embora não menos importante questão, por que interesses divergentes fazem o mesmo discurso da importância da escola? Será que o proclamado valor da escola tem o mesmo significado para os que exploram e para os que são explorados?

O discurso da modernidade vem sendo acompanhado pelo discurso da valorização da educação. A educação seria conditio sine que non para que os países do Terceiro Mundo possam sair do subdesenvolvimento. Desenvolvimento humano sustentável e melhoramento do capital humano tornam-se palavras de ordem que, partindo do Banco Mundial, são incorporadas ao discurso oficial e ao discurso empresarial, divulgadas pelas mass media e chegando às escolas, onde são defendidas pelos professores e professoras "modernos".

Estes professores e professoras não sabem que uma das mais enfáticas recomendações do Banco Mundial é de uma profunda reforma do sistema docente na América Latina, que sem dúvida, os penalizará. As universidades latino-americanas já sentem na carne o que significa esta reforma do sistema docente, com a perda de seus recursos econômicos nos últimos anos.

Hoje, um professor universitário argentino, por exemplo, no ápice de sua carreira, com o título de doutor, recebe quinhentos dólares por mês, menos do que um operário sem qualificação nos Estados Unidos. Hoje, uma professora brasileira de escola fundamental recebe por hora de trabalho, menos de três dólares e em muitas regiões o seu salário mensal é menor do que o salário mínimo oficial.

No entanto as escolas latino-americanas estão sendo informatizadas, equipadas com televisores e vídeos, e começam a receber kits pedagógicos comprados de empresas transnacionais ou dos grandes conglomerados nacionais como a fundação Roberto Marinho ou a Fundação Victor Civitas no Brasil. Ted Turner da CNN veio ao Brasil, com sua bela e outrora progressista mulher, Jane Fonda, seus cachorros de estimação e seus guarda-costas, para cobrar o seu quinhão. Ele sabe o montante que está sendo gasto para "modernizar" as escolas brasileiras.

Já correm como piadas de mau gosto, embora algumas vezes os noticiários televisivos mostrem (talvez por descuido, talvez por interesses contrariados) não ser piada, mas realidade, o que vem acontecendo nas escolas brasileiras, com a chegada da "modernidade". Há escolas no Brasil que receberam computadores sem que os professores e professoras tivessem recebido o treinamento para utilizá-los, escolas que deveriam entrar na Internet mas que não possuem telefone, escolas que recebem toda a parafernália e não têm sequer onde colocar o "presente".

Todavia quando a crise se manifesta, o discurso de prioridade por educação se mostra com suas verdadeiras garras. Foi o que se viu no México com a crise de dezembro de 1994. O economista-chefe do Banco Mundial para o México foi mudando o seu discurso, revelando a sua verdadeira prioridade - o pagamento da dívida externa voltou a ser a prioridade maior, postergando as questões do meio ambiente e da educação.

Uma coisa é clara : o projeto educativo proposto, seja pelo Banco Mundial, seja pelos governos neoliberais e pelas classes empresariais latino-americanas se pauta na afirmação da educação como um dos fatores efetivos do progresso e crescimento dos países e que portanto, deveria estar afinado com as demandas econômicas, sociais, políticas e culturais. Só assim estes países atingirão os desejados níveis de produção e competitividade internacional. Os teóricos deste enfoque, que se pauta na teoria do capital humano, chegaram a considerar que o problema do desemprego nos países subdesenvolvidos seria responsabilidade deles próprios já que pelo fato de sua população não atingir os altos níveis de escolaridade requeridos, os capitais se deslocariam para outros países, onde os níveis de escolaridade fossem mais favoráveis, lá gerando novos empregos. Para estes teóricos, gastos em educação são inversão de capital e fator de equidade e de desenvolvimento.

É correto, sem dúvida, afirmar que a educação seja um fator de mobilidade social individual e grupal(a bem dizer, de uns poucos) na América Latina, mas carece de fundamento defender a educação como alavanca para o desenvolvimento coletivo de uma sociedade.

É interessante notar que apesar dos discursos, em que o Banco Mundial exalta o valor da educação e afirma orgulhoso haver apoiado a educação no continente nos últimos vinte anos e estar preparado para ajudar na superação das dificuldades que enfrenta a América Latina em seu desenvolvimento educativo, os índices de analfabetismo continuam dos mais altos do mundo(cerca de 42.5 milhões de adultos na América Latina não sabem ler ou escrever), o acesso à universidade continua limitado para a classe trabalhadora, para os negros, indígenas e mestiços, a escolaridade média de um trabalhador brasileiro continua a ser de três anos e meio. É insignificante o número de

negros e indígenas que entram na escola, nela têm sucesso e dela saem com um título universitário.

Impasse da educação na América Latina

Discutir seriamente educação na América Latina implica enfrentar o problema da educação das classes populares, constituída de indígenas, negros e mestiços. São os indígenas, que já estavam nas terras quando aqui chegaram os primeiros europeus, são os descendentes dos africanos, que para aqui foram trazidos como escravos pelos europeus, são os que descendem da miscigenação de europeus, indígenas e africanos. São estes os que fracassam na escola, os mesmos que mais tarde irão fracassar na sociedade. A escola antecipa o fracasso social, através do processo de seleção, rotulação, discriminação e exclusão, apesar de seu discurso democratizante. O fracasso escolar é o primeiro degrau da escalada para o fracasso social e para a manutenção do statu quo.

Na verdade a escola é uma instituição hegemonizada pela cultura branca, patriarcal, ocidental, cristã. Os professores e professoras são formados/as a partir desta lógica, os livros didáticos divulgam a mesma lógica e, tudo o que foge à lógica hegemônica, é considerado irracional, crendice, ignorância.

Quando uma criança branca de classe média ou burguesa entra na escola, traz consigo o capital cultural indispensável para o sucesso escolar. Ela traz também a certeza de que terá sucesso na escola, pois esta é a expectativa de sua família, de seu grupo sócio-econômico-cultural, da sociedade global. O dito do senso comum de que "quem é bom já nasce feito" se aplica àqueles que já "nascem feitos" por sua condição de classe, etnia e raça. Esta criança aprende a ler e a escrever e vai, no decorrer de sua escolaridade, aprendendo tudo aquilo que é necessário para que venha a se tornar dirigente, ou melhor dito, no imaginário da sociedade global é aceito como natural que um filho de burguês aspire a se tornar dirigente e, efetivamente, a sua condição de classe, etnia e raça o prepara objetiva e subjetivamente para poder vir a sê-lo.

Em contrápartida, a criança mestiça, negra ou indígena de classe popular, quando consegue entrar na escola, pois muitas delas sequer conseguem matrícula, já entra com o estigma do fracasso, de sua classe social e de seu grupo sócio-cultural. Entra humildemente, quase pedindo licença para entrar, pois nunca lhe disseram que este seria um direito seu. Aliás, ela já aprendera não ter direitos muito antes do momento de entrada na escola. A cada momento de sua vida, a sociedade vai lhe ensinando, especialmente através das relações de trabalho, e pela ideologia veiculada pela mídia, que "manda quem pode e obedece quem tem juízo". Quando vence o medo de um ambiente tão pouco acolhedor e tão diferente daquele em que vive, e ousa abrir a boca para falar, enfrenta a reação da professora, que a corrige dizendo que ela fala errado. Frequentemente ela se cala e não mais fala. Aprende que a escola é um lugar de silêncio, em que só a professora deve e pode falar.

É interdito às crianças compartilhar as suas descobertas e dúvidas. No jargão escolar isto é "cola", o que provoca a punição das crianças e as faz sentirem-se culpadas. Ao simples compartilhar de conhecimentos, quando aquele que já sabe ensina a quem ainda não sabe, é dada uma conotação moral, o que para crianças de classes populares é impossível de compreender, pois uma das formas de sobrevivência entre elas é exatamente a solidariedade. Não é preciso dizer que quando assim o faz, a escola ignora o que Vygotski denomina zonas de desenvolvimento proximal, deixando de contribuir para que as crianças façam hoje ajudadas (pelos/as colegas que já sabem) o que amanhã poderão fazer sozinhas, tornando-se mais autônomas intelectualmente.

A professora, única que tem o direito à palavra, fala de coisas diferentes numa "língua diferente"; ensina muita coisa mas não ensina para que servem "aquelas coisas". É por isso que tantas crianças passam pela escolaridade de oito anos (obrigatória no Brasil, embora a obrigatoriedade não seja atendida) sem chegarem a compreender a própria razão de ser da escola.

Algumas crianças vão à escola apenas para comer, pois as escolas oferecem merenda para todas as crianças das escolas públicas. Aliás no Brasil a propaganda oficial televisiva vem reforçando a idéia da merenda como atrativo escolar, ao mostrar um belo prato de comida, dizendo em voice off:

"Criança que vai à escola, tem de comer"

Será que só precisa comer, a criança que tem o privilégio de ir à escola?

Será que numa sociedade decente, uma criança que fica apenas quatro horas na escola, precisaria comer um prato de comida? No Brasil, e na América Latina de um modo geral, precisa, porque as crianças não têm o que comer em suas pobres casas, apesar do presidente brasileiro ter anunciado orgulhoso que "os pobres agora podem comer frango e yogurt no Brasil". Naturalmente ele não se referia aos 40 milhões de miseráveis que parecem não incomodá-lo.

Ao invés de fazer propaganda do que diz estar sendo feito pelo governo(para isto são gastas verbas altíssimas pelo governo), a televisão deveria estar sendo usada para educar o povo, para mostrar a importância da escola e do que nela se ensina ou deveria ser ensinado, para mostrar porque é tão importante aprender a ler e a escrever, para ensinar aos pais e às crianças e jovens a função social da escrita, o que nem sempre a escola sabe ensinar. Talvez se a propaganda oficial mostrasse adultos e crianças em situação de uso da linguagem escrita, as crianças estariam mais interessadas em aprender a ler e a escrever e, desejando aprender, o fizessem efetivamente. Pois que todos sabemos que só se aprende aquilo que tem sentido para nós, aquilo em que está posto o nosso desejo, aquilo que tem valor para nós.

Em nossa pesquisa, perguntando às crianças se consideravam importante a escola e porque lhes parecia importante aprender a ler e a escrever, ouvimos de mais de uma criança:

"Pra fazer dever, ué!"

Quando as crianças não compreendem sequer a importância de aprender a ler e a escrever, dificilmente chegarão a compreender o valor do conhecimento. Não terão por conseguinte qualquer razão para aprender o que a escola afirma ser tão importante, embora não consiga explicar a razão da importância apregoada.

No entanto todas as teorias pedagógicas nos dizem ser no início da escolaridade que as crianças aprendem a aprender e aprendem sobretudo o sentido e o prazer de conhecer. Como chegar a descobrir o sentido do conhecimento e o prazer de aprender, quem fracassa na primeira tentativa, que é a alfabetização? Como chegar a aprender quem não vê sentido no que insistem em lhe ensinar?

O problema do analfabetismo é um dos mais graves problemas que enfrenta a América Latina, especialmente num país como o Brasil. Segundo as estatísticas oficiais, mais de 20% da população brasileira é constituída de analfabetos. É preciso dizer que no Brasil é considerado alfabetizado quem apenas desenha o seu nome.

E quem são os analfabetos? No Brasil, na América Latina e em todas as partes do mundo, os analfabetos são sempre os filhos de analfabetos ou semi-analfabetos, filhos daqueles que, ou jamais foram à escola, ou na escola, ao invés de aprenderem a ler, escrever e contar(pelo menos), aprenderam serem incapazes de aprender. São, em suma, filhos e filhas, irmãos e irmãs dos que fracassaram na escola e que na escola aprenderam ser sua a responsabilidade por seu próprio fracasso.

Quantas vezes em minha história de professora alfabetizadora, me deparei no primeiro dia de aula, com a ansiedade da mãe que me implorava :

“Puxa pela minha filha, pra ver se esta aprende, pois tudo é cabeça dura lá em casa.”

Será que uma criança que cresce ouvindo que “tudo é cabeça dura lá em casa”, consegue superar a avaliação da própria mãe de que todos os seus filhos e filhas são incapazes de aprender, e consegue aprender, rompendo o estigma do fracasso escolar de sua família? Será que alguém consegue se perceber como capaz de aprender quando sua própria mãe afirma que ela só aprenderá se a professora “puxar por ela”, mostrando descrer da capacidade de sua filha para aprender? Na avaliação da mãe, só uma professora muito competente(e competência para ela é puxar por sua filha) conseguirá que de uma família de gente pouco inteligente, “cabeça dura”, alguém aprenda. A própria imagem de “puxar” é significativa: é assim como quem puxa um asno que empaca e não sai do lugar. Para que o asno que empaca saia do lugar, se mova e ande para a frente, é preciso que alguém o puxe. Este é o papel que a mãe espera da professora - que ela puxe por sua filha, que empacou como o asno da metáfora.

Todos sabemos da importância dos primeiros anos de escolaridade. É aí que se instala a semente da futura relação com o conhecimento e com o mundo, onde se incluem as pessoas, os grupos, a sociedade global e a natureza. É ali que uma ação pedagógica competente porque comprometida com a mudança provoca “a paixão de conhecer o mundo” e a paixão pelo mundo. Aqueles e aquelas que se formam nesta escola se tornarão cidadãos e cidadãs conscientes e comprometidos/as com a construção de um mundo melhor. Ali se estará construindo portanto, uma cidadania consciente e

comprometida com o coletivo. No entanto, quando a ação pedagógica está vinculada a um projeto 'excludente' como o neoliberal, na escola se constrói a subalternidade consentida ou inconsciente de um lado(o lado das classes populares) e o individualismo possessivo, competitivo e consumista(o lado dos que detêm o poder).

A escola, ainda que se apresente como neutra, é um espaço de luta por hegemonia, em que os interesses hegemônicos fazem por dificultar, senão impedir, a criação de uma escola de qualidade para as crianças e jovens das classes populares, mas onde, contraditoriamente, os interesses contra-hegemônicos lutam por instalar uma discussão política sobre o papel da escola e da cultura no movimento emancipatório do qual participam aqueles e aquelas que foram historicamente subalternizados e hegemonizados.

Rediscutir o papel da escola, numa perspectiva emancipatória, nos leva a retornar a Gramsci em sua preocupação de que

"a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada 'cidadão' possa se tornar 'governante', e que a sociedade o coloque, ainda que 'abstratamente' nas condições gerais de poder fazê-lo".

Ai estava delineado o papel de uma escola democrática no tempo de Gramsci, sonho que se mantém até hoje como sonho, pois nas sociedades latino-americanas este ideal está longe de ter sido transformado em realidade.

O que temos hoje é uma escola que prepara uns, uma minoria, para posições de mando, e outros, a maioria, para o papel subalterno, que a sua situação de classe, de raça e etnia lhes anuncia. Assim foi, assim continua sendo, e assim persistirá a educação na América Latina, se não houver um forte movimento da sociedade em defesa da escola pública, gratuita, obrigatória e de qualidade para os que até então foram excluídos da escola e na escola.

As classes hegemônicas sempre souberam o perigo potencial da educação, quando os explorados e dominados pudessem adquirir as armas intelectuais para compreender a sua situação e com estas armas se organizarem e lutarem por sua libertação de um jugo que os impede de se desenvolver, crescer e se levantar para lutar por seus interesses historicamente negados.

O que parece óbvio na atual conjuntura internacional é que o papel destinado à América Latina na divisão internacional do poder não é de produzir conhecimento de ponta, o que a tornaria um perigo latente para a forma em que está organizado o mercado mundial. Se a América Latina se insurgir contra a ordem estabelecida pode ameaçar o "equilíbrio", o que não interessa aos que definem o que seria equilíbrio na atual conjuntura.

Enquanto os que detêm o poder no mundo conseguirem impedir que toda a população latino-americana se eduque, aqueles e aquelas que se mostrarem mais talentosos e capazes de produzir inovações científicas e tecnológicas serão puxados para o Primeiro Mundo, onde encontrarão não só melhores condições de trabalho como receberão

melhores salários do que qualquer pesquisador na América Latina. Assim sempre aconteceu no mundo. Os países ricos e poderosos atraíam os que se destacavam nos países colonizados para que os conhecimentos por eles produzidos fossem colocados ao serviço da consolidação da hegemonia dos vencedores.

É porisso que, apesar do discurso da necessidade de uma profunda reforma do sistema educativo, proferido pelo Banco Mundial, a pergunta que se coloca é :

Interessa aos senhores da globalização que os 200 milhões de jovens latino-americanos tenham uma boa e completa educação básica?

O modelo excludente só necessita de poucos, como já sabemos. Os demais só precisam ser adestrados para bem se comportarem, mantendo-se dóceis à dominação. E para isto, nada melhor do que a televisão. Sentados e vendo televisão, na escola e em suas casas, irão aprendendo a disciplina, a obediência, o conformismo, bem como os valores da sociedade neoliberal - o individualismo, a competição, o consumismo. Aprendem que a violência é direito dos fortes, que o sucesso é decorrência da competência e do esforço, que a beleza é privilégio dos homens e mulheres brancos de origem européia, que a riqueza material é um bem acessível a qualquer um/uma que tenha capacidade. As desigualdades e discriminações sociais vão sendo naturalizadas pelas novelas, pelos noticiários, pelos filmes importados, pelos padrões apresentados.

Este é o quadro conveniente aos que detêm e querem manter o poder. O desafio que se coloca para os inconformados com o statu quo é - o que é possível fazer na escola, quando se luta para reverter este quadro desolador? O que fazer quando se está comprometido com um projeto emancipatório para a América Latina?

Um projeto educacional emancipatório para a América Latina

Hoje, no Brasil, o movimento social mais importante é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Trata-se de um movimento nacional que repercute internacionalmente, cuja capacidade de organização obriga o governo e as classes dirigentes a tomar conhecimento, ainda que ambos tentem ignorá-lo e muitas vezes as suas polícias prendam e matem os seus líderes. Estes homens e mulheres lutam pelo direito à terra e ao trabalho na terra.

É lastimável que, no final do século, uma sociedade que aspira a ser aceita no grupo dos países ricos e importantes, ainda não tenha resolvido o problema da terra, coisa que todas as sociedades desenvolvidas o fizeram.

O que nos interessa aqui, já que estamos tentando pensar um projeto educacional emancipatório para a América Latina, é que os Trabalhadores Sem Terra brasileiros, sempre que invadem terras não produtivas e criam assentamentos, imediatamente constróem uma escola para os seus filhos e filhas. Muitos intelectuais das universidades brasileiras estão participando deste novo projeto educativo, e muito têm aprendido, além de, obviamente, colaborarem para a educação destas crianças.

O que já podemos inferir deste trabalho político-pedagógico é que ele apresenta características bastante interessantes, provocando mudanças que vão desde a seleção de

conteúdos, a escolhas metodológicas, a uso de materiais pedagógicos, e mesmo às relações entre professoras e alunos e alunas. Mas tem algo que nos interessa especialmente aqui. É que é dada grande ênfase aos valores que vão sendo transmitidos e que perpassam todas as atividades desenvolvidas.

Aquelas crianças aprendem o valor do coletivo, da participação, da cooperação, da generosidade, da solidariedade, da amorosidade, da compaixão, da coragem. Os líderes do movimento sabem que quando se pretende mudar as relações sociais há que se mudar as relações na escola e na comunidade, para que vão se formando futuros homens e mulheres com outra mentalidade. A sua aspiração não é de tomar o poder mas de mudar a sociedade.

No dia a dia da escola, assim como no dia a dia de suas vidas nos assentamentos, as crianças vão aprendendo a respeitar os diferentes, independente da cor de sua pele, de suas crenças religiosas, de seu gênero masculino ou feminino. Elas estão sendo preparadas para construir uma sociedade plural - multiétnica e multiracial - numa escola plural - multiétnica e multiracial.

Elas aprendem a reconstruir a história de seu país, arrancando os véus que historicamente escondiam o processo de exploração e dominação de que os negros, indígenas e mestiços foram vítimas. O processo de desconstrução é acompanhado de um processo de reconstrução de uma nova história que resgata as lutas contra o colonizador, as lutas contra a escravidão, as lutas contra a discriminação racial e étnica, as lutas contra a exploração da classe trabalhadora, as lutas das mulheres contra a opressão machista. Tantas lutas que a história oficial tenta minimizar ou fazer esquecer. Uma história de lutas que vai sendo reescrita a partir da memória popular destas lutas e que foram passando de geração em geração através das histórias contadas e cantadas. Vão escovando a história a contrapelo, como enfatizava Benjamin, aí identificando pistas e acumulando forças para a construção do futuro. Retomar as utopias populares é parte da construção de um sentimento de potência coletiva.

As crianças vão aprendendo, tanto na escola quanto em seu cotidiano de lutas, que o que pode parecer derrota, muitas vezes é, na verdade, acúmulo de forças e aprendizagens para futuras lutas e desejadas vitórias.

As professoras que trabalham nas escolas dos assentamentos são tão militantes quanto os trabalhadores e trabalhadoras sem terra, tão comprometidas quanto os/as demais com a transformação da sociedade.

Se elas sabem, porque constatarem no cotidiano do assentamento, a força do coletivo e da solidariedade, as metodologias têm de ser direcionadas para a ação coletiva e solidária. As crianças são estimuladas a se ajudarem, a trocarem o que sabem e o que não sabem e a compreenderem a temporalidade do "não saber". O "não saber" é entendido como "ainda não saber" que, no coletivo, vai produzindo novos saberes. O não saber perde assim o caráter absoluto que sempre esteve presente nos sistemas de avaliação escolar e que tanto penalizou as crianças das classes populares. A troca de saberes possibilita que todas as crianças se percebam como capazes, como tendo algum saber que nem todas têm, como trazendo também muitos "ainda não saberes" que se tornarão "saberes" na escola. Irão compreendendo que ninguém sabe tudo e que tampouco

alguém nada sabe, chegando a descobrir talvez, um dia, que o saber traz no instante imediato à sua formulação os tantos não saberes ainda por saber, que algumas vezes o negam e superam, outras vezes o complementam e aprofundam, e outras vezes abrem novos atalhos no caminho sem fim do conhecimento. Para que este rico processo de produção/socialização de saberes se dê em plenitude é preciso que a professora tenha a coragem de, ao se defrontar com a resposta da criança, incompreensível naquele momento para ela, se permita dizer - por que não? - como num momento de iluminação Bachelard afirmava ser o caminho para a construção do novo, coragem filosófica que todos os pesquisadores deveriam ter.

Quando a professora se permite indagar - por que não? - e estimula a criança a recuperar o caminho que percorreu para chegar à resposta que chegou, pode estar abrindo a possibilidade de emergência de novos saberes, até então ignorados inclusive por ela, professora.

A professora sabe que uma das formas de dominação é fazer crer aos subalternizados que eles nada sabem e que os dominadores tudo sabem. Sabe portanto que uma das tarefas fundamentais da escola comprometida com a superação do processo de subalternização é de trabalhar no sentido da recuperação de um auto-conceito positivo, coletivo e individual. Dai que os saberes do grupo e de cada criança sejam valorizados para que cada uma delas e todas elas se percebam como sujeitos do conhecimento. E para que não apareçam "estrelas" que acreditem brilhar mais do que as demais, o conhecimento deve ser apresentado sempre numa perspectiva de movimento. Cada uma das crianças sabe que sabe alguma coisa e todas sabem que ainda têm muito a aprender, por isso vêm à escola. Todas se sentem capazes por saber e todas têm desenvolvida a humildade por saber o quanto ainda não sabem. Orgulhosas portanto do que sabem, sem perder a humildade por tudo o que ainda têm de aprender. O orgulho de si não pode se transformar em empáfia e prepotência, que esta é a lógica do opressor. A humildade decorrente da consciência de seu ainda não saber não pode significar aceitar a humilhação dos poderosos, que só a eles interessa.

Tudo o que é ensinado na escola do assentamento é vivido na prática pelas crianças.

"Para conquistar conocimientos, es preciso participar en la práctica que transforma la realidad. Para conocer el gusto de la pera, es preciso transformarla comiéndola."

como dizia um sábio chinês, citado por Colombres. Assim, o que é ensinado não é gratuito, mas fortemente vinculado à realidade vivida pelas crianças. Teoria e prática se articulam, dando sentido a tudo o que é ensinado e aprendido.

Os problemas apresentados pela professora têm forte vinculação com os problemas enfrentados cotidianamente pelo grupo. Se se está preparando a terra para o plantio, por exemplo, a cubagem da terra é o problema a ser resolvido pelas crianças, e elas vão aprendendo cálculo a partir de situações concretas de suas vidas comuns.

Para se chegar à História do Brasil se parte das pequenas histórias de vida de cada criança, de sua família, de sua saga até chegarem ao assentamento onde estão é que aproximou as suas histórias anteriores. O global e o particular são colocados em permanente diálogo. Vão aprendendo na prática que o todo está na parte e que a parte

está no todo, ainda que só venham a conceituar muito mais tarde. O conceito é apreendido no processo de tantas aprendizagens.

Os cantos e contos de cada grupo, passados de geração em geração oralmente e trazidos por cada criança, vão se tornando "conteúdos pedagógicos" e estes cantos e contos vão se multiplicando em tantos cantos e contos de outros grupos, de outras culturas, de outros povos. E as crianças vão aprendendo que estes cantos e contos são parte do que é denominado Cultura Universal, patrimônio da Humanidade, da qual elas também são parte. Elas não sabem mas a professora deve ter aprendido com Amílcar Cabral que a síntese dinâmica da Cultura é o alicerce para a libertação.

A sala de aula é, como deveria sempre ser, um espaço de atividades críticas e criadoras e não de consumo passivo. O individualismo possessivo, tão fortemente inculcado e internalizado em nossa sociedade, vai sendo substituído por atividades compartilhadas que vão revelando a criatividade coletiva. E é no coletivo que se produzem as subjetividades, pois que são uma produção histórica e social, que se dá num tempo e numa cultura.

Quem vive nas estradas, em acampamentos, viajando sempre sem destino certo a não ser quando são descobertas terras abandonadas sem vestígios da ação de homens e mulheres que a trabalham, viajando sempre e sempre ameaçado pela violência dos matadores de aluguel ou da polícia defensora da propriedade mesmo que improdutiva, quem convive com a morte em seu cotidiano constrói uma subjetividade diferente das crianças de classe média urbana. Os conflitos são outros, os medos são outros, os sonhos são outros. Enquanto as outras sonham em ir a Disney World ou em ganhar um videogame, estas vivem o sonho da terra, o sonho da casa, o sonho da estabilidade num lugar em que possam viver com sua família. Enquanto as outras brincam com os brinquedos que a propaganda as faz desejar, estas criam jogos e brincadeiras com os ossos que vão encontrando pelo caminho, conforme Sebastião Salgado mostra em seu livro Terra. Do que sobra da morte elas criam a vida das brincadeiras e dos jogos. A própria idéia de continuum, segundo alguns indispensável para não nos perdermos, não se coloca para andarilhos como as crianças dos Sem Terra, a não ser no andar permanente, na mudança diária do entorno. A organização só é possível a partir da variância de suas vidas, e não da estabilidade que a teoria afirmaria indispensável. Acredito antes que a organização interna se dê a partir da organização externa, do grupo, de um coletivo que sobrevive e se fortalece porque se organiza.

As crianças aprendem a força do coletivo quando percebem que a qualidade de seus trabalhos escolares melhora como resultado da ação coletiva e não da ação isolada de uma criança solitária, que frequentemente leva à indesejada, porque anti-social, competição. Esta aprendizagem é reforçada quando no assentamento elas aprendem que o trabalho desenvolvido pelo coletivo de homens e mulheres trabalhadores produz melhores resultados do que a ação isolada de apenas um trabalhador ou uma trabalhadora.

Os materiais não são de propriedade individual mas de uso coletivo. Todas as crianças são responsáveis por todos os materiais. Usam os materiais com parcimônia, pois sabem o valor de cada lápis, de cada folha de papel, de cada livro, assim como seus pais e mães sabem a importância de economizar o pouco que têm para que dure mais tempo e

possa ser usado por todos. Ao consumismo que a mídia convida diariamente se contrapõe a economia, a redefinição de materiais, o reaproveitamento, a recreação. Assim como suas mães reaproveitam a comida que sobrou do almoço e no jantar transformam a batata cozida do almoço em sopa, as crianças aprendem a aproveitar as sobras de tintas de diferentes cores, transformando-as em outra cor, muitas vezes, uma nova cor, até então desconhecida. Assim como seus pais aproveitam a cadeira velha encontrada abandonada por quem tem demais, e, lixando-a e pintando-a, transformando-a em uma cadeira nova, as crianças também aprendem a fazer pincéis com o pedaço de madeira, aparentemente sem uso, e com as barbas do milho plantado por seus pais. Aprendem que se pode recuperar materiais se estes materiais são preparados, lixados, pintados, cuidados, tornando-se belos e úteis.

Quando as crianças se percebem capazes de recuperar o que parecia inútil e aprendem como fazê-lo, vivem um sentimento de potência. Nesta aprendizagem/ação está presente a realização da coisa em si e dos conhecimentos indispensáveis para realizá-la, mas também está subjacente uma aprendizagem ética e estética. Aprendem a respeitar e a lidar com os materiais, aprendem o sentido ecológico deste reaproveitamento, desenvolvem a sensibilidade para a beleza e utilidade dos materiais in natura e dos objetos criados por cada uma delas.

O reaproveitamento de materiais se contrapõe ao consumismo e possibilita o estabelecimento de novas relações com os materiais e com as pessoas, relações mais amorosas, pautadas na sensibilidade para o outro, seja uma pessoa seja uma coisa, relações em que os sentidos são chamados a participar para melhor conhecer.

As crianças dos assentamentos aprendem a ler e a escrever porque existe um forte desejo coletivo de aprender a ler e escrever, decorrente do que vêem em seu cotidiano e que lhes revela a importância de saber ler e escrever. Elas vêem os folhetos que são enviados por outros grupos de assentados, ou pelas lideranças que dão notícia do que está sendo feito, das vitórias do movimento, dos conhecimentos técnicos para melhor trabalhar a terra e comercializar o resultado de seu trabalho, das perdas quando os assentamentos são invadidos pelas milícias dos proprietários de terras, das estratégias de luta criadas por alguns grupos que desejam compartilhar as suas descobertas com os demais grupos. Elas assistem à leitura dos jornais e aos comentários feitos pelos adultos, que sabem da necessidade de acompanhar o que diz a imprensa sobre a sua luta. Elas vão aprendendo a importância de saber ler e escrever. Ler e escrever passa a ter sentido para estas crianças. A linguagem escrita é valor em sua comunidade e portanto para elas.

O que parece claro para nós é que a experiência das escolas dos assentamentos teria muito a nos ensinar quando estamos comprometidos com a construção de uma pedagogia que se contraponha à pedagogia oficial, hoje vinculada aos interesses do projeto neoliberal.

Uma pedagogia emancipatória assume a responsabilidade de democratizar a cultura universal, entendida como patrimônio da humanidade, onde, porque todos estão incluídos, sem hierarquias, podem reivindicar o direito de acesso. Mas também tratará de democratizar e universalizar a cultura nacional e popular. Só pode se enriquecer com a cultura universal aquele que mergulhou na sua própria cultura e enxarcado neste

mergulho se potencializa para, aí sim, confrontar a sua cultura com as demais culturas, ampliando e aprofundando o seu conhecimento particular.

Só pode se abrir para a cultura universal sem perder a sua identidade própria, aquele que se percebe como parte constituinte do patrimônio humano universal. A sua cultura particular é parte da cultura universal e a cultura universal é parte de sua cultura particular.

Concluindo, uma pedagogia emancipatória há que ser incluyente, contrapondo-se pois, ao projeto neoliberal, comprovadamente excludente. Enquanto a pedagogia neoliberal se pauta nos valores do mercado e se apresenta como "a única alternativa", mostrando-se portanto extremamente autoritária, a pedagogia emancipatória é direccionada pelos valores da solidariedade dos despossuídos e dos inconformados, propondo-se à pluralidade que respeita as diferenças.